



Vale dos Lagos

Onde eu moro

VALE DOS LAGOS | Conjunto ainda preserva árvores e animais silvestres

Natureza e tranquilidade são marcas do bairro

MARY WEINSTEIN
mweinstein@grupoatarde.com.br

Os limites geográficos do Vale dos Lagos são indefinidos. Suas fronteiras se confundem com as dos vizinhos São Marcos, Pau da Lima, Canabrava e Paralela. Mas isso não atrapalha a vida de quem mora lá. Primeiro, porque seus habitantes têm um jeito próprio de desfrutar a natureza e a camaradagem que reinam no lugar. Segundo, porque as cartas, especialmente as contas, acabam chegando aos seus destinos sem grandes problemas.

Os micos saem das mangueiras, cajazeiras, aroeiras e umbaúbas da região e aparecem no asfalto. Isso é tão comum que ninguém repara mais. São sinais da vida silvestre que ainda existe ali, onde os riachos já foram puro lazer. "Eu tomava banho de rio e via os peixes. A água era clara. Desde que fizeram o hospital, ficou escura. Deve ser o esgoto do São Rafael", diz Ademil Júnior, 26 anos, morador de um dos conjuntos residenciais.

Como o próprio nome indica, o bairro fica em uma depressão, para onde correm várias nascentes. Valendo-se delas, o negócio do lava-jato viceja. Na vizinha Canabrava, já existe até uma avenida dedicada ao setor. No Vale dos Lagos, somente dois funcionam. "Investi em um aspirador e na máquina de lavar. Só pago uns R\$ 20 pela energia. A água é de graça", diz Igor Barreto, 24 anos.

PLAZA – Vale dos Lagos era um conjunto residencial que deu origem a outros. Por isso, urbanisticamente, acaba diferindo da maior parte de Salvador. É bem planejado, com prédios de até quatro pavimentos. Há, também, a construção de pequenos centros comerciais, que lembram os chamados "plazas", comuns em cidades da América do Norte. Neles estão concentrados os prestadores de serviços: vendas, armazéns, bares e salões de beleza.

Na entrada do Vale dos Lagos, está o famoso Le Royale. Quem se depara com o tal motel pode ficar decepcionado. Não dá para juntar o nome de sucesso do passado com o prédio de hoje. A fama por causa da propaganda com a música que não parava de tocar no rádio, na voz de Maria Bethânia, era grande e volta à cena com uma novela de agora.

O empreendimento foi o pio-

so pessoal de atendimento, o gerente, não quis atender à reportagem. Não deu para descobrir o porquê desse pudor. O certo é que pouca gente da vizinhança assume que já esteve naquele motel.

BANANAS – Nas ruas, o bairro se mantém em um ritmo normalmente lento. Pouca gente atravessa as praças que, com seus nomes, homenageiam jornalistas. O que mais tem no Vale dos Lagos são vendas, bares, salões de beleza e oficinas mecânicas. As bananas ficam expostas como se estivessem penduradas em um varal.

As ruas levam aos vários conjuntos habitacionais: Jardim das Limeiras, Mata Atlântica I e II e o Vale dos Lagos, que deu origem a todos. Nem os ônibus movimentam a paisagem.

"Para o Comércio, é a cada uma hora, uma hora e meia. Trabalho no Cabula e tenho que pegar dois ônibus. Portanto, são quatro por dia. Aqui, fica esquecido. Se eu pegar um táxi, vou pagar R\$ 27", relata o analista de sistemas Robson Brito, que tem dois filhos e que paga R\$ 60 de condomínio no Conjunto Jardim das Limeiras, onde mora há nove anos, em um apartamento comprado "pela Caixa Econômica", a R\$ 27 mil. Se hoje quisesse vendê-lo, seria em torno de R\$ 25, segundo ele avalia.

Pequeninhinha, cerca de 1,50 metro, apoiada pela acompanhante Maria das Graças, dona Elvira dos Santos Soares, 91 anos, anda para lá e para cá na rua calma. É boa de conversa.

Conta que só teve uma filha que já morreu e que por isso foi morar no Vale dos Lagos com os netos. Tem dois tataranetos. Vinda de Santo Antônio de Jesus, morou muito tempo na Caixa d'Água. Agora, gosta do Vale dos Lagos. E não depende do transporte público, o que considera bom.

Diferente de dona Elvira, dona Colo (Clotilde do Carmo), 82 anos, mãe de cinco e avó de 10, ex-moradora da Cidade Nova, se distrai indo e vindo da farmácia, da casa de conhecidos, das compras e de outros lugares. Vai e vem de ônibus. Ela é uma das primeiras moradoras do bairro. "Eu estou com um neto de 23 anos e eu já morava aqui quando ele nasceu. Saio todo dia para passear, comprar, o que me der na telha. Eu lavo, cozinho e escapulo", diz, no banco de concreto do fim de linha, onde parte da



O Vale dos Lagos foi ganhando conjuntos residenciais de apartamentos espaçosos que refletem um estilo de vida destacado de outros de Salvador



Dona Elvira, de 91 anos, passeia diariamente pelas ruas tranquilas



O motorista Joselito, ex-morador da área, entre duas colegas



Camaradagem no ponto

"Aqui, o dia todo, dão risada com tudo", diz Maria de São Pedro, 54 anos, vendedora de merendas para motoristas e cobradores no mesmo ponto em que dona Coló fica sentada. "É cuscuz, feijão, carne, salada de fruta, suco, mingau de milho e tapioca e café", diz a comerciante que tem o mesmo nome da dona do antigo restaurante no Mercado Modelo.

"Aqui, todo mundo se conhece", diz o motorista Joselito Oliveira, um dos responsáveis pela organização do aluguel do banheiro na garagem de um dos conjuntos residenciais. "Os moradores não queriam banheiro químico por causa do fedor. Então, a gente acertou com uma senhora daquele conjunto e a gente paga a água da descarga", diz.

QUEIXA – Rita Santos, filha de Maria de São Pedro, aproveita para se queixar de um contêiner onde se lê "lixo" que fica do outro lado do ponto de ônibus, aberto, sujeito a especuladores que se debruçam e pegam o que lhes interessa. "Eu não estou falando da prefeitura. É uma questão comunitária. Não tem uma secretária encarregada? A gente tem direito a saber o dia que o caminhão vem para botar o lixo para fora", explica Rita, que vai dando o recado de que quer um bairro limpo e sem poluição visual.

Lais Pereira, 20 anos, bem-vestida, na moda, vem chegando calada. Parecia desconhecida. "Aqui todo mundo se conhece", avisam todos para recomendar a risada. Lais vai ao

dentista: "É um absurdo os ônibus aqui. Para a Lapa até tem, o problema é voltar". E assim recomeça a discussão sobre a escassez de ônibus. O grupo de conversadores do fim de linha vai aumentando e o assunto muda de direção. Passa a ser a vida de um e de outro. Manoel Conceição, por exemplo, assume, corajosamente que esteve no Le Royale, há uns 15 anos. E falou da sua esposa, que é bonita e de personalidade marcante.

O Bar do Américo, no final da Rua Professor Milton Santos é um point. Cada dia sai um prato. Segunda-feira é cozido (R\$ 8); terça é quiabada e feijão com arroz (R\$ 6); quarta é comida baiana, acompanhada por bacalhau, peixe e mariscos (R\$ 10); quinta é rabada com pirão (R\$ 8); sexta tem dobradinha e sarapatel (R\$ 10); sábado é mocotó com pirão (R\$ 8); e domingo é feijoada (R\$ 8) e tira-gostos variados.

O bar foi inaugurado há 22 anos, o tempo que a família dele mora lá. Na verdade, a comida é feita por sua esposa, Maria Angélica, muito simpática que conhece cada cliente. O juiz de futebol Lourival Dias é um deles. Também jogadores do Bahia e do Vitória e funcionários da Polícia Federal, o pessoal da banda de Margareth Menezes, muitos médicos, além do pessoal morador do próprio bairro frequentam o estabelecimento. Todos são tratados da mesma forma. "Todos são iguais. O dinheiro é o mesmo", diz, com diplomacia, dona Maria Angélica.

VALE DOS LAGOS | Conjunto ainda preserva árvores e animais silvestres

Natureza e tranquilidade são marcas do bairro

MARY WEINSTEIN
mweinstein@grupoparade.com.br

Os limites geográficos do Vale dos Lagos são indefinidos. Suas fronteiras se confundem com as dos vizinhos São Marcos, Pau da Lima, Canabrava e Paralela. Mas isso não atrapalha a vida de quem mora lá. Primeiro, porque seus habitantes têm um jeito próprio de desfrutar a natureza e a camaradagem que reinam no lugar. Segundo, porque as cartas, especialmente as contas, acabam chegando aos seus destinos sem grandes problemas.

Os micos saem das mangueiras, cajazeiras, aroeiras e umbaúbas da região e aparecem no asfalto. Isso é tão comum que ninguém repara mais. São sinais da vida silvestre que ainda existe ali, onde os riachos já foram puro lazer. "Eu tomava banho de rio e via os peixes. A água era clara. Desde que fizeram o hospital, ficou escura. Deve ser o esgoto do São Rafael", diz Ademil Júnior, 26 anos, morador de um dos conjuntos residenciais.

Como o próprio nome indica, o bairro fica em uma depressão, para onde correm várias nascentes. Valendo-se delas, o negócio do lava-jato viceja. Na vizinha Canabrava, já existe até uma avenida dedicada ao setor. No Vale dos Lagos, somente dois funcionam. "Investi em um aspirador e na máquina de lavar. Só pago uns R\$ 20 pela energia. A água é de graça", diz Igor Barreto, 24 anos.

PLAZA – Vale dos Lagos era um conjunto residencial que deu origem a outros. Por isso, urbanisticamente, acaba diferindo da maior parte de Salvador. É bem planejado, com prédios de até quatro pavimentos. Há, também, a construção de pequenos centros comerciais, que lembram os chamados "plazas", comuns em cidades da América do Norte. Neles estão concentrados os prestadores de serviços: vendas, armarinhos, bares e salões de beleza.

Na entrada do Vale dos Lagos, está o famoso Le Royale. Quem se depara com o tal motel pode ficar decepcionado. Não dá para juntar o nome de sucesso do passado com o prédio de hoje. A fama por causa da propaganda com a música que não parava de tocar no rádio, na voz de Maria Bethânia, era grande e volta à cena com uma novela de agora.

O empreendimento foi o pioneiro de um costume que vinha do Rio de Janeiro – o do motel incrementado, como os da Barra da Tijuca e São Conrado. O começo do seu funcionamento coincide com o nascimento do bairro – há mais de 20 anos – que ocupou uma vasta área remanescente de mata atlântica. Quarta-feira pela manhã, o motel tinha cinco casais em suas suítes com ou sem piscina. O seu

peçoal de atendimento, o gerente, não quis atender à reportagem. Não deu para descobrir o porquê desse pudor. O certo é que pouca gente da vizinhança assume que já esteve naquele motel.

BANANAS – Nas ruas, o bairro se mantém em um ritmo normalmente lento. Pouca gente atravessa as praças que, com seus nomes, homenageiam jornalistas. O que mais tem no Vale dos Lagos são vendas, bares, salões de beleza e oficinas mecânicas. As bananas ficam expostas como se estivessem penduradas em um varal.

As ruas levam aos vários conjuntos habitacionais: Jardim das Limeiras, Mata Atlântica I e II e o Vale dos Lagos, que deu origem a todos. Nem os ônibus movimentam a paisagem.

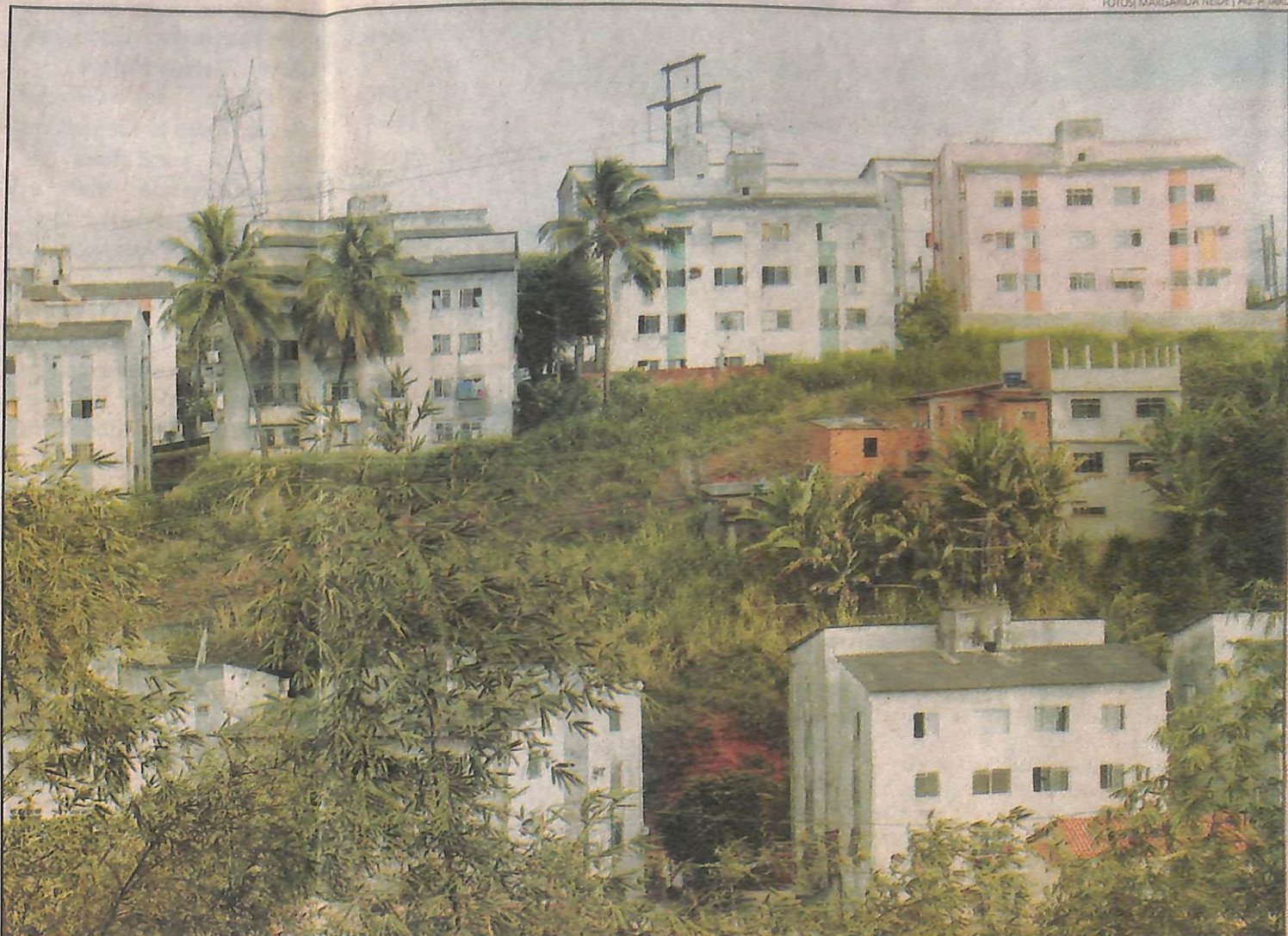
"Para o Comércio, é a cada uma hora, uma hora e meia. Trabalho no Cabula e tenho que pegar dois ônibus. Portanto, são quatro por dia. Aqui, fica esquecido. Se eu pegar um táxi, vou pagar R\$ 27", relata o analista de sistemas Robson Brito, que tem dois filhos e que paga R\$ 60 de condomínio no Conjunto Jardim das Limeiras, onde mora há nove anos, em um apartamento comprado "pela Caixa Econômica", a R\$ 27 mil. Se hoje quisesse vendê-lo, seria em torno de R\$ 25, segundo ele avalia.

Pequeninha, cerca de 1,50 metro, apoiada pela acompanhante Maria das Graças, dona Elvira dos Santos Soares, 91 anos, anda para lá e para cá na rua calma. É boa de conversa.

Conta que só teve uma filha que já morreu e que por isso foi morar no Vale dos Lagos com os netos. Tem dois tataranetos. Vinda de Santo Antônio de Jesus, morou muito tempo na Caixa d'Água. Agora, gosta do Vale dos Lagos. E não depende do transporte público, o que considera bom.

Diferente de dona Elvira, dona Coló (Clotilde do Carmo), 82 anos, mãe-de cinco e avó de 10, ex-moradora da Cidade Nova, se distrai indo e vindo da farmácia, da casa de conhecidos, das compras e de outros lugares. Vai e vem de ônibus. Ela é uma das primeiras moradoras do bairro. "Eu estou com um neto de 23 anos e eu já morava aqui quando ele nasceu. Saio todo dia para passear, comprar, o que me der na telha. Eu lavo, cozinho e escapulo", diz, no banco de concreto do fim de linha, onde parte da comunidade bate papo. "Aqui parece que era uma fazenda, porque tinha tanto dendê. A máquina passou e destruiu tudo".

O coordenador da Administração Regional de Pau da Lima, Milton Maltez Leone, estima que 7 mil pessoas morem no Vale dos Lagos, "que é um apêndice de São Rafael. Tem uma comunidade estruturada", assinala.



O Vale dos Lagos foi ganhando conjuntos residenciais de apartamentos espaçosos que refletem um estilo de vida destacado de outros de Salvador



Dona Elvira, de 91 anos, passeia diariamente pelas ruas tranquilas



O motorista Joselito, ex-morador da área, entre duas colegas



Maria de São Pedro prepara refeições para quem espera ônibus

Camaradagem no ponto

"Aqui, o dia todo, dão risada com tudo", diz Maria de São Pedro, 54 anos, vendedora de merendas para motoristas e cobradores no mesmo ponto em que dona Coló fica sentada. "É cuscuz, feijão, carne, salada de fruta, suco, mingau de milho e tapioca e café", diz a comerciante que tem o mesmo nome da dona do antigo restaurante no Mercado Modelo.

"Aqui, todo mundo se conhece", diz o motorista Joselito Oliveira, um dos responsáveis pela organização do aluguel do banheiro na garagem de um dos conjuntos residenciais. "Os moradores não queriam banheiro químico por causa do fedor. Então, a gente acertou com uma senhora daquele conjunto e a gente paga a água da descarga", diz.

QUEIXA – Rita Santos, filha de Maria de São Pedro, aproveita para se queixar de um contêiner onde se lê "lixo" que fica do outro lado do ponto de ônibus, aberto, sujeito a especuladores que se debruçam e pegam o que lhes interessa. "Eu não estou falando da prefeitura. É uma questão comunitária. Não tem uma secretaria encarregada? A gente tem direito a saber o dia que o caminhão vem para botar o lixo para fora", explica Rita, que vai dando o recado de que quer um bairro limpo e sem poluição visual.

Laís Pereira, 20 anos, bem-vestida, na moda, vem chegando calada. Parece desconhecida. "Aqui todo mundo se conhece", avisam todos para recomendar a risada. Laís vai ao

dentista: "É um absurdo os ônibus aqui. Para a Lapa até tem, o problema é voltar". E assim recomeça a discussão sobre a escassez de ônibus. O grupo de conversadores do fim de linha vai aumentando e o assunto muda de direção. Passa a ser a vida de um e de outro. Manoel Conceição, por exemplo, assume, corajosamente que esteve no Le Royale, há uns 15 anos. E falou da sua esposa, que é bonita e de personalidade marcante.

O Bar do Américo, no final da Rua Professor Milton Santos é um point. Cada dia sai um prato. Segunda-feira é cozido (R\$8); terça é quiabada e feijão com arroz (R\$ 6); quarta é comida baiana, acompanhada por bacalhau, peixe e mariscos (R\$ 10); quinta é rabada com pirão (R\$ 8); sexta tem dobradinha e sarapatel (R\$ 10); sábado é mocotó com pirão (R\$ 8); e domingo é feijoada (R\$ 8) e tira-gostos variados.

O bar foi inaugurado há 22 anos, o tempo que a família dele mora lá. Na verdade, a comida é feita por sua esposa, Maria Angélica, muito simpática, que conhece cada cliente. O juiz de futebol Lourival Dias é um deles. Também jogadores da Bahia e do Vitória e funcionários da Polícia Federal, o pessoal da banda de Margareth Menezes, muitos médicos, além do pessoal morador do próprio bairro frequentam o estabelecimento. Todos são tratados da mesma forma. "Todos são iguais. O dinheiro é o mesmo", diz, com diplomacia, dona Maria Angélica.

i Notícia integrada: A TARDE publica, todos os sábados, a série de reportagens Onde Eu Moro, apresentando aos leitores os bairros de Salvador e trazendo história e curiosidades dessas localidades. Na próxima edição (sábado, 8), será a vez de Itapuã. Quem mora, trabalha ou frequenta o bairro pode mandar sugestões até quinta-feira, dia 6, para contribuir com a matéria | Veja galeria de fotos do Vale dos Lagos, bairro enfocado hoje na série, no portal A TARDE ON LINE | www.atarde.com.br |



Centro comunitário do bairro permanece fechado durante o dia



As bananas são penduradas como se estivessem em um varal



Os bares movimentados atraem clientes de dentro e de fora do bairro